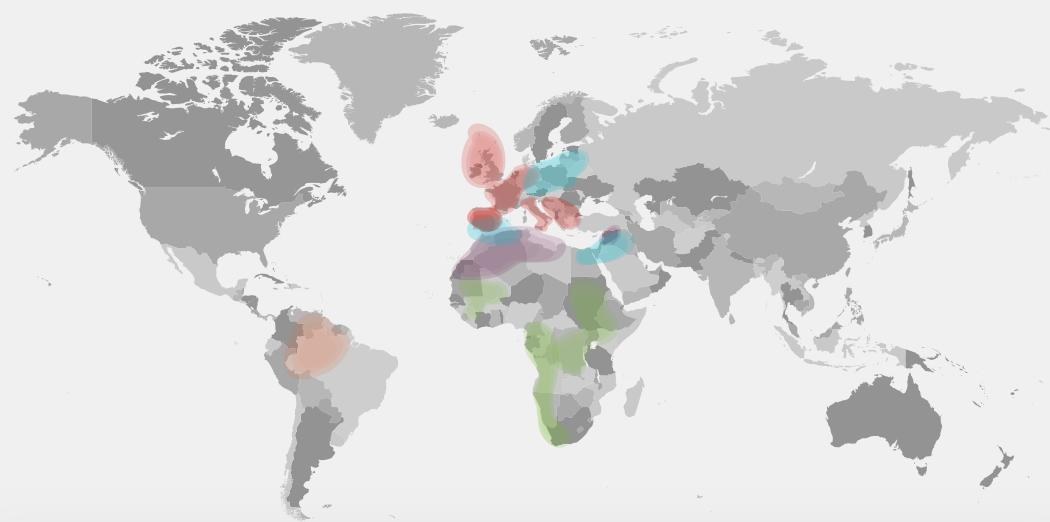


Ancestralidade Global

Rafael Silvestrini, seu DNA indica que 73% da sua ancestralidade é proveniente da Europa.



Europa 73%

Ibéria 44%

Europa Ocidental 11%

Alemanha, França e Países Baixos 7%

Ilhas Britânicas 7%

Bálcãs 7%

Grécia 7%

Bulgária e Macedônia do Norte 7%

Romênia e Moldávia 7%

Sérvia e Montenegro 7%

Croácia e Bósnia-Herzegovina 7%

Itália 6%

Norte da Itália 5%

Centro-sul da Itália 5%

Basco 5%

Sobre este resultado

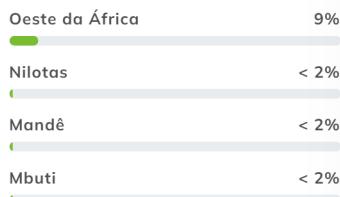
Desde a origem do homem moderno, há cerca de 100 mil anos na África, muita coisa mudou na dinâmica populacional. O deslocamento não era tão fácil como nos dias atuais, de modo que, no passado, as populações costumavam permanecer isoladas e com pouco fluxo gênico (migração de um indivíduo de uma população para outra). Esse fato, somado à evolução, fez com que as populações antigas se tornassem geneticamente distintas entre si, já que variações genéticas permaneciam confinadas em um determinado espaço geográfico, sendo herdadas apenas por indivíduos da mesma região. Esta dinâmica se manteve intacta por muito tempo, e algumas populações atuais ainda apresentam um perfil genético muito característico - principalmente aquelas localizadas em regiões geograficamente isoladas.

Existem regiões do DNA que se alteraram mais que outras no decorrer de gerações e costumam ser utilizadas como marcadores genéticos. No caso do teste de ancestralidade, analisamos SNPs (sigla em inglês para "Polimorfismo de Nucleotídeo Único"). Estes marcadores em específico consistem em mutações de apenas um nucleotídeo, que são as 4 letras que compõem o DNA (A, T, C ou G). Portanto, um SNP é uma variação de um par de letras da sequência genética.

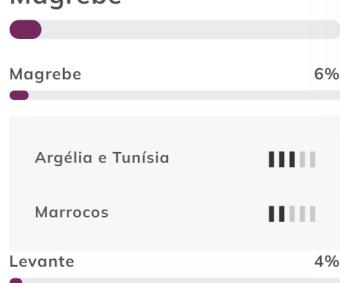
Por exemplo, algumas pessoas podem ter uma sequência ATTC enquanto outras têm AGTC. Essa troca da letra T por G é um SNP. Por possuírem taxa de mutação muito baixa, a troca de letrelinhas é considerada um evento raro e que demora muito para ter uma frequência considerável nas populações. O conjunto das frequências populacionais de milhares de SNPs nos dá um perfil genético para cada população.

O Brasil, por ter recebido a entrada de muitos imigrantes em um intervalo relativamente curto de tempo, apresenta um perfil genético bastante variado, composto principalmente por europeus, africanos e ameríndios.

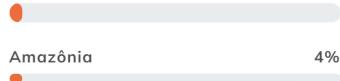
África 12%



Oriente Médio e Magrebe 10%



Américas 4%



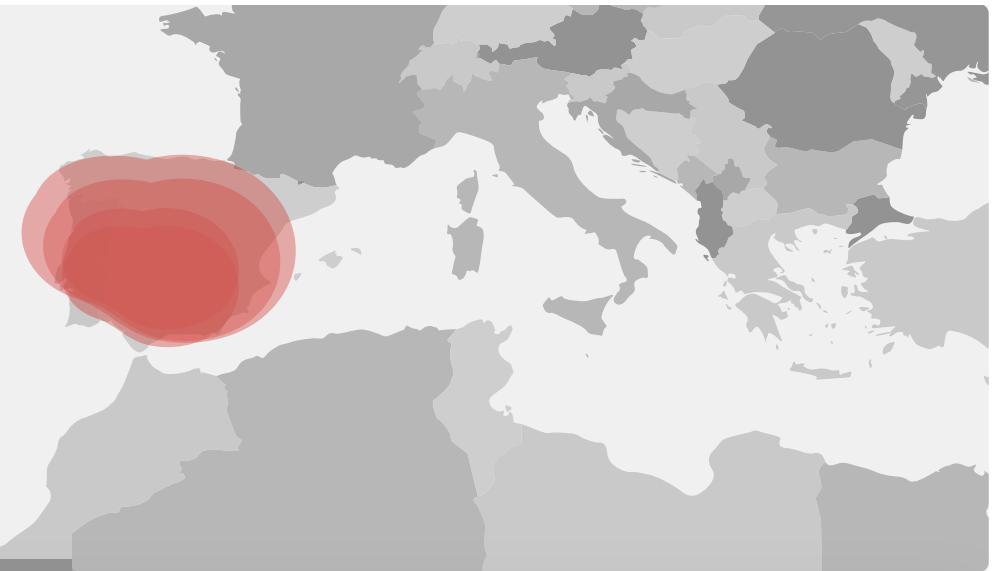
Judaica < 2%



Como devo interpretar meu resultado?

Deve-se sempre ter em mente que as proporções obtidas referem-se ao conjunto de populações investigadas. Assim, um resultado indicando uma proporção maior de um determinado grupo indica que a maior parte do seu DNA é condizente com o perfil observado para esse determinado grupo. Logo, em algum momento na história, algum ancestral dessa determinada região provavelmente ingressou na sua linhagem familiar. É importante destacar que esses valores refletem que seu DNA é parecido com o DNA dos indivíduos amostrados para determinada região. De fato, é a partir deles que predizemos o perfil genético de cada grupo utilizado para os cálculos de admixture – isto é, a mistura genética de diferentes populações. Por exemplo, é de se esperar que indivíduos nos continentes americanos sejam um reflexo da mistura de ameríndios, europeus e africanos, conforme indicado pela história dos últimos 500 anos.

Para mais informações acesse: <https://www.genera.com.br/como-desvendamos-seu-dna/>



Ibéria - 44%

História

Os primeiros achados arqueológicos na Ibéria (região relativa a Portugal e Espanha) datam do período paleolítico. De lá para cá, a região sofreu influências genéticas de regiões como Itália, Grécia, estepe pôntico-cáspia (região ao redor do extremo sudoeste da Rússia), centro e norte da Europa, norte da África, e de povos como os judeus exilados e os muçulmanos, durante o domínio destes últimos sobre a península. Ou seja, a população ibérica representa um grande e diverso mosaico genético.

Durante os primeiros séculos da colonização, a entrada de portugueses no Brasil foi restrita, limitando-se a poucas centenas por ano. Foi apenas após a independência que esses números cresceram, chegando a alcançar 76 mil imigrantes portugueses anuais às vésperas da Primeira Guerra Mundial. A figura espanhola se fez bem menos presente, porém ainda com impacto, principalmente na região sul do país (durante a colônia) e sudeste (após a independência). Entre 1800 e 1980, calcula-se que quase 1,8 milhão de portugueses entraram no Brasil, e que o número de espanhóis seja aproximadamente um terço disso.

Para melhor compreensão de suas origens e interpretação dos resultados, recomendamos a assessoria com nosso [historiador](#) parceiro.

Azulejos portugueses

Um dos símbolos mais conhecidos da arte portuguesa, os azulejos (do árabe, “pedra polida”) foram introduzidos em Portugal pelos mouros que, por sua vez, adotaram a técnica dos Persas. Os primeiros azulejos se limitavam a padrões geométricos ou florais repetitivos, mas o desenvolvimento de técnicas de tintura (por influência italiana) permitiu que trabalhos mais complexos fossem feitos. Atualmente, pode-se encontrar azulejos com desenhos modernos espalhados pelas áreas públicas de Lisboa, como nas estações de metrô.

Les Falles

O Festival de Fallas acontece anualmente em março, na cidade de Valência. Trata-se de uma tradição de criação de bonecos caricaturescos a partir de madeira, papelão e fibra de vidro, que podem atingir até 30 metros de altura. As imagens são preparadas ao longo de todo o ano, e costumam retratar críticas a questões sociais atuais, sendo queimadas na última noite do festival para representar a chegada da primavera e a purificação.

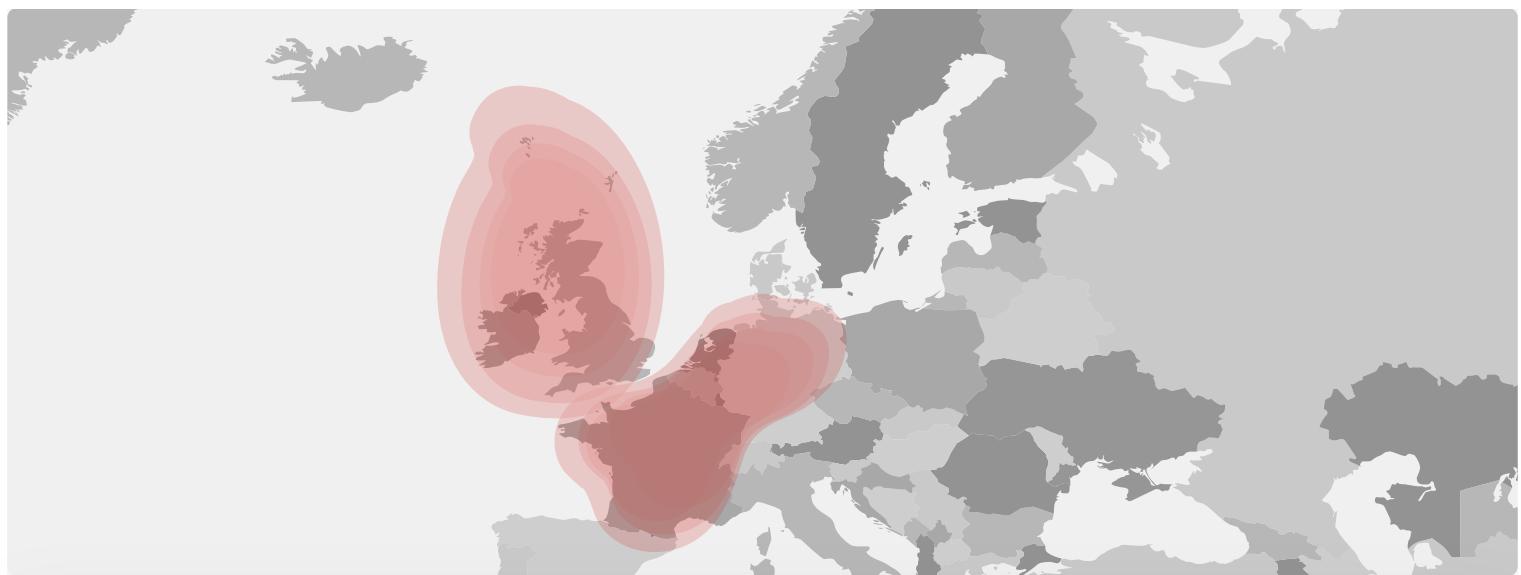
Referências e leituras adicionais:

COSTA, Xavier. Festive Identity: Personal and Collective Identity in the Fire Carnival of the 'Fallas' (València, Spain). Social Identities, [s.l.], v. 8, n. 2, p.321-345, jun. 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro, 2007.

MITCHELL, Rosie. Portuguese art: Portuguese Azulejos. In: DONNE, Elisabetta Delle (Ed.). Fine arts in Europe: the last 10 centuries. [s.l.]: Michelangelo Project, 2017. p. 341-360.

OLALDE, Iñigo et al. The genomic history of the Iberian Peninsula over the past 8000 years. Science, [s.l.], v. 363, n. 6432, p.1230-1234, 14 mar. 2019.



Europa Ocidental - 11%

História

A região ocidental da Europa abrange as atuais França, Alemanha, Áustria, Suíça, Bélgica, Holanda, Irlanda, Reino Unido, Liechtenstein e Luxemburgo, e há vestígios de que seres humanos ocupam a região desde 35 mil anos atrás. As ilhas britânicas já fizeram parte do Império Viking, enquanto o território continental foi por muito tempo habitado por tribos celtas e germânicas. Após a queda do Império Romano, os reinos oriundos dessas tribos passaram a ser o poder dominante na região, eventualmente originando os Estados que conhecemos atualmente. O Império Britânico, com início em 1850, chegou a dominar e colonizar países em todos os continentes, sendo considerado o maior império da história e tendo chegado a ocupar 26% da área terrestre global em seu auge, em 1920.

O deslocamento de europeus ocidentais não ibéricos para o Brasil teve início com as invasões empreendidas por França e Holanda nos séculos XVI e XVII à costa brasileira, sendo São Luís (MA) e Olinda (PE) algumas das cidades fundadas respectivamente por franceses e holandeses. No início do século XIX, começam a chegar ingleses, que se instalaram principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, onde fundaram a São Paulo Railway, primeira ferrovia do estado. Após a independência, a imigração de alemães foi incentivada pelo governo brasileiro para ocupar regiões ainda despovoadas do território e “embranquecer” a população. Houve também grande afluxo de alemães devido às Guerras Mundiais.

Europa Ocidental e Norte da Itália

A proximidade geográfica das populações da Europa Ocidental e do Norte da Itália, bem como o contexto histórico dessas regiões, contribuiu para que esses grupos se tornassem muito parecidos geneticamente. Por essa razão, é possível que uma estimativa de ancestralidade proveniente da Europa Ocidental contenha também ancestralidade do Norte da Itália.

Para melhor compreensão de suas origens e interpretação dos resultados, recomendamos a assessoria com nosso [historiador parceiro](#).

Castelo de Neuschwanstein

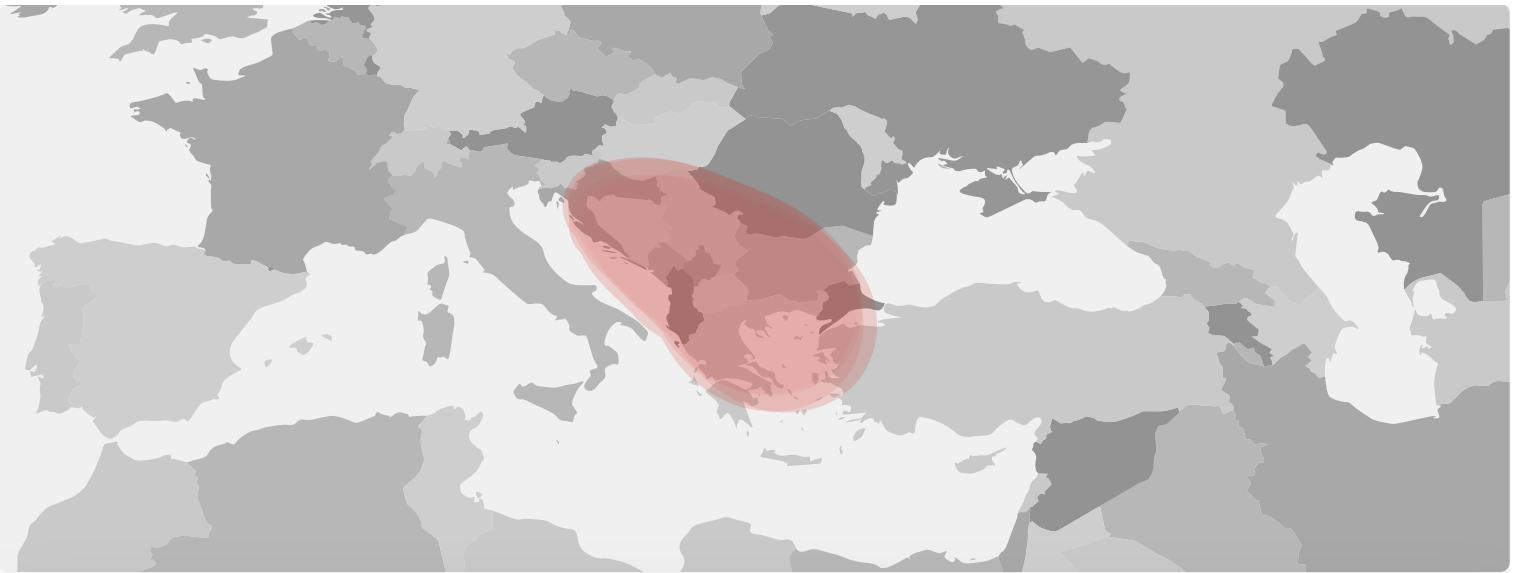
Situado em um desfiladeiro próximo à fronteira da Alemanha com a Áustria, este castelo de arquitetura neogótica teve sua construção concluída no final do século XIX, tendo sido encomendado pelo então rei da Baviera, Luís II. A minuciosidade de sua construção e acabamento, sua imponência grandiosa e sua localização em meio a uma paisagem de tirar o fôlego fazem deste castelo o cenário perfeito para histórias de fada: não é à toa que o Castelo da Bela Adormecida, uma das principais atrações da Disney, tem sua arquitetura inspirada no Castelo de Neuschwanstein.

Dia de São Patrício

A celebração mais tradicional da Irlanda é o Dia de São Patrício, comemorado em 17 de março, data da morte do santo. O dia é feriado nacional no país, sendo marcado por grandes desfiles em homenagem à herança cultural irlandesa, nos quais todos usam roupas verdes (relacionadas fortemente a São Patrício e à identidade nacional) e se adornam com o trevo de três folhas, símbolo irlandês da Santíssima Trindade. Atualmente, este dia é celebrado em diversos países pelo mundo, como Canadá, Estados Unidos da América, Argentina e Austrália, entre outros.

Referências e leituras adicionais:

- BENTLEY, Gabriel. **Quatro marcos da imigração inglesa na capital**. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/marcos-ingleses-sao-paulo/>. Acesso em: 17 dez. 2019.
- CARBONELL, Eudald et al. **The first hominin of Europe**. *Nature*, [s.l.], v. 452, n. 7186, p.465-469, mar. 2008.
- CRONIN, Mike; ADAIR, Daryl. **The Wearing of the Green: A History of St Patrick's Day**. [s.l.]: Psychology Press, 2006.
- DISNEY BOOK GROUP. Walt Disney Imagineering: A Behind the Dreams Look At Making the Magic Real. [s.l.]: Disney Editions, 1998.
- Directoria Geral de Estatística. Recenseamento do Brazil: realizado em 1 de setembro de 1920. Rio de Janeiro: Typ. da Estatística, 1926.
- FREYRE, Gilberto. **The English in Brazil: Aspects of British Influence on the Life, Landscape and Culture of Brazil**. [s.l.]: Boulevard, 2011.
- MEETHAN, Kevin; ANDERSON, Alison; MILES, Steven. **Tourism Consumption and Representation: Narratives of Place and Self**. [s.l.]: Cabi, 2006.
- SOLIZ, Neusa. **As diferentes fases da imigração alemã no Brasil**. Disponível em: <https://p.dw.com/p/50y7>. Acesso em: 17 dez. 2019.
- TAAGEPERA, Rein. **Expansion and Contraction Patterns of Large Polities: Context for Russia**. *International Studies Quarterly*, [s.l.], v. 41, n. 3, p.475-504, set. 1997.
- TAAGEPERA, Rein. **Size and duration of empires: Systematics of size**. *Social Science Research*, [s.l.], v. 7, n. 2, p.108-127, jun. 1978.



Bálcãs - 7%

História

A península balcânica, ou Bálcãs, inclui os países Albânia, Bósnia e Herzegovina, Bulgária, Croácia, Eslovênia, Grécia, Kosovo, Macedônia do Norte, Montenegro, Romênia, Sérvia e o extremo oeste da Turquia. A região é um dos prováveis pontos de entrada na Europa das primeiras populações humanas que saíram da África, e plano de fundo de diversas outras migrações ou rotas comerciais subsequentes. Além disso, a península foi centro do Império Bizantino, e o contato com as terras dominadas por este império ficou marcado no DNA dos habitantes locais.

A região também é definida pela significativa presença de ciganos Rom, um grupo étnico nômade de origem indiana. A presença de ciganos dos Bálcãs no Brasil concentra-se no Sudeste e litoral do Nordeste, e se deu principalmente a partir do século XIX, embora já existissem aqui ciganos Calon provenientes da península ibérica. No período entreguerras, marcado pela Grande Depressão, diversos emigrantes da antiga Iugoslávia (atualmente correspondente à maioria dos países balcânicos) também buscaram o Brasil como forma de fugir da crise econômica.

Para melhor compreensão de suas origens e interpretação dos resultados, recomendamos a assessoria com nosso [historiador](#) parceiro.

Sinais de aprovação e desaprovação

Em quase todo o mundo, mover a cabeça verticalmente simboliza “sim”, enquanto horizontalmente significa “não”. Na Bulgária, entretanto, essa lógica é invertida. A origem de tal diferença é incerta, mas algumas lendas remetem à época em que a região estava sob comando do Império Otomano. Apesar dessa tradição, hoje em dia - principalmente nas maiores cidades, que possuem maior contato com outras culturas - alguns búlgaros têm começado a adotar os símbolos mais universais.

Zona Azul

Em 2005, um grupo de pesquisadores identificou os 5 lugares do mundo em que há mais centenários. Uma destas localidade é a pequena ilha de Icaria, na Grécia. Um terço de seus moradores alcança os 90 anos de idade, praticamente nenhum sofre de demência, e a incidência de câncer é 20% menor que nos EUA. As explicações para isso são variadas, e incluem a qualidade do ambiente, a alimentação baseada quase exclusivamente em vegetais, o consumo de vinho e sonecas frequentes.

Referências e leituras adicionais:

ANDONOVA, Elena; TAYLOR, Holly A.. Nodding in dis/agreement: a tale of two cultures. *Cognitive Processing*, [s.l.], v. 13, n. 1, p.79-82, ago. 2012.

BARBUJANI, G. et al. Genetics and the population history of Europe. *Proceedings Of The National Academy Of Sciences*, [s.l.], v. 98, n. 1, p.22-25, 2 jan. 2001.

BUETTNER, Dan; SKEMP, Sam. Blue Zones. *American Journal Of Lifestyle Medicine*, [s.l.], v. 10, n. 5, p.318-321, 7 jul. 2016.

CAMARGO, Katia Gavranich. Na terra dos dálmatas: um mapeamento afetivo dos bairros do Belenzinho e da Mooca. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, [s.l], n. 4, p.183-193, maio 2017.

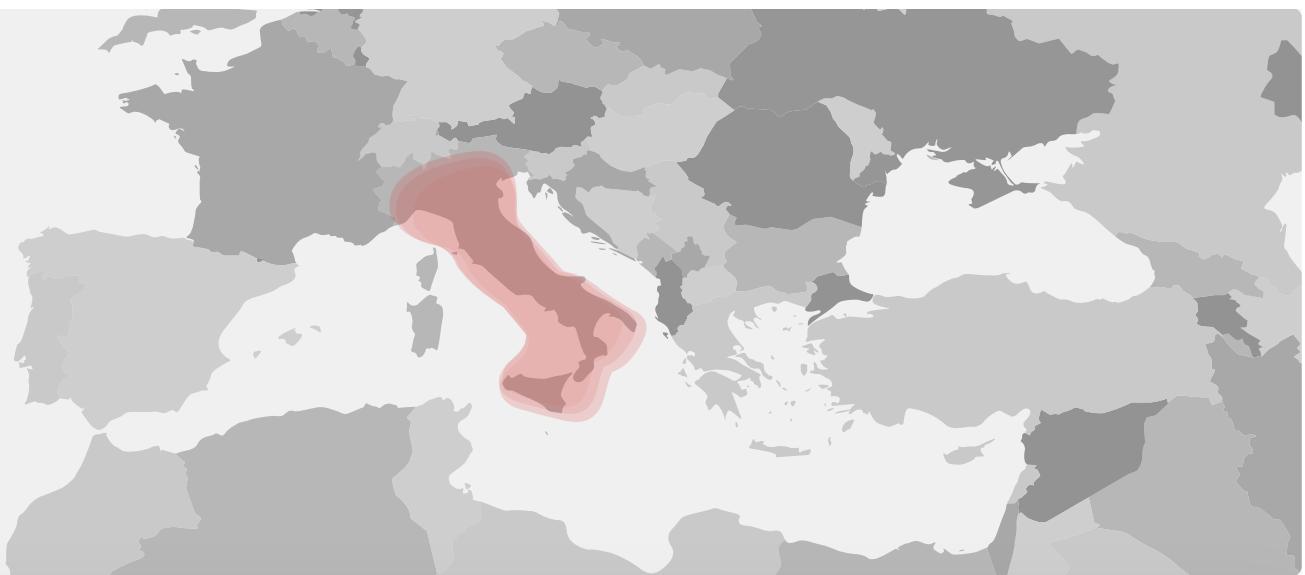
COHEN, Robin (Ed.). *The Cambridge Survey of World Migration*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

KOVACEVIC, Lejla et al. Standing at the Gateway to Europe - The Genetic Structure of Western Balkan Populations Based on Autosomal and Haploid Markers. *Plos One*, [s.l.], v. 9, n. 8, p.1-15, 22 ago. 2014.

KUBILIUS, Kerry. Nonverbal Communication: Yes and No in Bulgaria. Disponível em: <https://www.thoughtco.com/nodding-yes-and-no-in-bulgaria-1501211>. Acesso em: 17 dez. 2019.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. História dos ciganos no Brasil. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008.

THE UNESCO COURIER: The Gypsies. Paris: Unesco, out. 1984.



Itália - 6%

História

A geografia da Itália, que divide o Mediterrâneo em dois, faz dela um importante ponto de cruzamento entre povos e culturas. Seres humanos modernos já habitavam a península em 35.000 AEC (Antes da Era Comum) e, da mistura destes com indoeuropeus, em cerca de 1.000 AEC, desenvolveram-se comunidades no norte da Itália. Pouco depois, ao sul, os gregos fundaram cidades como Nápoles e Siracusa. Além disso, como centro inicial do Império Romano, foi inevitável o contato da Itália com todo o restante das áreas dominadas, resultando no influxo genético destes domínios para o território italiano.

Entre 1870 e 1920, no período conhecido como "grande imigração", cerca de 1,4 milhão de italianos entraram no Brasil, motivados, de maneira geral, pelo desgaste político, social e econômico causado pelas recentes lutas de unificação da Itália. Devido às semelhanças entre língua, religião e costumes, além da cor da pele, o italiano foi considerado como "imigrante ideal" pelas autoridades públicas e empresários da época, sendo mais "facilmente assimilável" pela sociedade do que os alemães ou japoneses, e contribuindo para a política de branqueamento populacional em curso na época.

Norte da Itália e Europa Ocidental

A proximidade geográfica das populações do Norte da Itália e da Europa Ocidental, bem como o contexto histórico dessas regiões, contribuiu para que esses grupos se tornassem muito parecidos geneticamente. Por essa razão, é possível que uma estimativa de ancestralidade proveniente do Norte da Itália contenha também ancestralidade da Europa Ocidental.

Para melhor compreensão de suas origens e interpretação dos resultados, recomendamos a assessoria com nosso [historiador parceiro](#).

Carnevale di Venezia

O carnaval de Veneza é um evento anual, com duração de algumas semanas, que precede a Quaresma. A tradição é famosa pelos trajes e máscaras exuberantes de seus participantes, embora fantasias improvisadas, satíricas ou escatológicas sejam igualmente presentes. A primeira menção do festival nos anais de Veneza data de 1094, mas, após a conquista da cidade por Napoleão em 1797, o evento entrou em um hiato que perdurou até 1980, quando foi restaurado. Hoje, mais de um milhão de pessoas participam do carnaval anualmente, superando em muito a população local.

Brodetto

Brodetto di pesce (literalmente "caldo de peixe"), ou simplesmente brodetto, é um prato típico que surgiu da necessidade de utilizar os frutos do mar frescos que não foram vendidos no dia. Assim, dezenas de espécies de peixes, crustáceos e moluscos - inteiros ou em pedaços - são utilizados no preparo, além de tomates, vinho branco, cebola e alho. A seleção de peixes utilizados varia de acordo com as espécies naturais de cada região, de modo que não há uma receita única de brodetto.

Referências e leituras adicionais:

BERTONHA, João Fábio. **Os Italianos**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

FIORITO, Giovanni et al. **The Italian genome reflects the history of Europe and the Mediterranean basin**. European Journal Of Human Genetics, [s.l.], v. 24, n. 7, p.1056-1062, 11 nov. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro, 2007.

MOLITERNO, Gino (Ed.). **Encyclopedia of Contemporary Italian Culture**. London: Routledge, 2000.

O'Rourke, Peter John. **Carnevale di Venezia: Performance and Spectatorship at the Venice Carnival**. 2015. 341 f. Tese (Doutorado) - Curso de Phd, The University Of Leeds, Leeds, 2015.

RODEN, Claudia. **The Food of Italy: Region by Region**. London: Random House, 1998.



Basco - 5%

História

O povo basco se encontra fragmentado entre dois países, residindo no extremo norte da Espanha e sudoeste da França. Os bascos descendem de uma população ibérica que permaneceu relativamente isolada desde a pré-história, não sendo afetada geneticamente pelos movimentos migratórios que ocorreram no restante da região. Não se notam nos bascos, portanto, influências do norte da África ou do Cáucaso, presentes nas populações vizinhas.

Os dados sobre emigração basca para o Brasil são escassos pois, de maneira geral, os demais países da América Latina (principalmente Argentina, Chile, Venezuela, México e Uruguai) se mostravam melhores destinos. Mesmo assim, as regiões fronteiriças entre o Brasil e alguns destes países podem ter aberto espaço para a entrada no território brasileiro: é o caso do ex-presidente do Brasil Emílio Garrastazu Médici, nascido no Rio Grande do Sul, mas filho de uma uruguaia de origem basca.

Para melhor compreensão de suas origens e interpretação dos resultados, recomendamos a assessoria com nosso [historiador](#) parceiro.

Harri jasotzea

Harri jasotzea é um tradicional esporte rural basco, cujo nome pode ser traduzido como "levantamento de pedra". Os praticantes, utilizando apenas suas próprias mãos, devem levantar blocos de pedra natural, com massa normalmente entre 100 e 200 quilogramas, até a altura do ombro. O vencedor é aquele que conseguir realizar esse feito o maior número de vezes dentro do tempo limite estipulado. Essa modalidade surgiu e ganhou popularidade por se tratar de uma atividade corriqueira no cenário das rochosas fazendas bascas.

Euskara

A língua basca, o euskara, não possui profundas semelhanças com nenhuma outra língua moderna - sendo, portanto, tida como uma das mais antigas línguas ainda existentes. Entretanto, a diáspora basca e a associação da língua ao campesinato, assim como sua proibição durante a Ditadura Franquista na Espanha, contribuíram para que esta língua caísse em desuso. O rejuvenescimento do euskara é uma das bandeiras do nacionalismo basco, como forma de fortalecimento da identidade deste povo em busca de um país próprio.

Referências e leituras adicionais:

ARANA, Antton Anasagasti. HARRIJASOKETA. Disponível em: <https://aunamendi.eusko-ikaskuntza.eus/en/harrijasoketa/ar-76816/>. Acesso em: 16 dez. 2019.

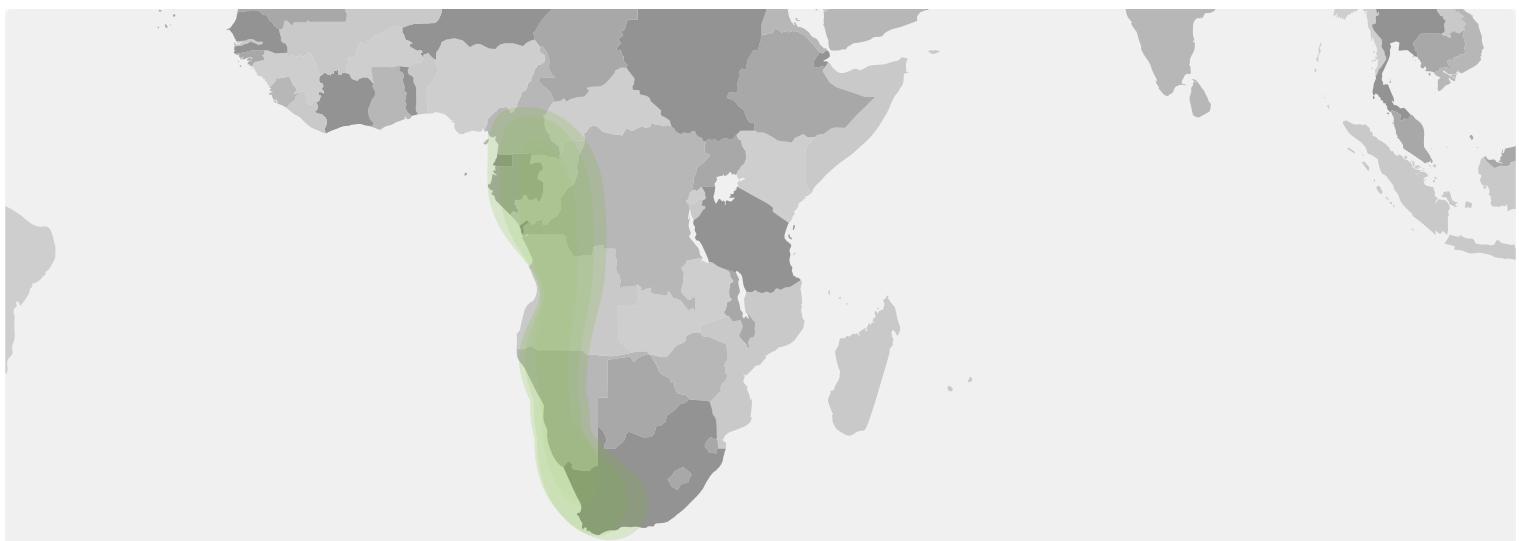
DEPARTAMENTO DE CULTURA E POLÍTICA LINGUÍSTICA. Esportes Rurais. Disponível em: <https://www.euskadi.eus/deportes-rurales/web01-a2kirola/es/#7041>. Acesso em: 16 dez. 2019.

GÜNTHER, Torsten et al. Ancient genomes link early farmers from Atapuerca in Spain to modern-day Basques. Proceedings Of The National Academy Of Sciences, [s.l.], v. 112, n. 38, p.11917-11922, 8 set. 2015.

HESS, Andreas. The Social Bonds of Cooking. Cultural Sociology, [s.l.], v. 1, n. 3, p.383-407, nov. 2007.

SEMINARA, Dave. Stone Lifting as Sport in the Basque Country. **The New York Times**. Nova Iorque, p. 10-10. 18 abr. 2014.

TOTORICAGÜENA, Gloria P.. Identity, Culture and Politics in the Basque Diaspora. Nevada: University Of Nevada Press, 2004.



Oeste da África - 9%

História

O ocidente africano abrange os atuais países Camarões, Gabão, República do Congo, Angola, Guiné Equatorial e trechos da Namíbia, África do Sul, República Centro Africana e República Democrática do Congo, bem como o arquipélago São Tomé e Príncipe. A região tem sido por muito tempo o lar dos povos Bantu (como os Baongo, os Luba e os Lunda), cuja origem remonta a cerca de 2 mil anos AEC (Antes da Era Comum) na região da Bacia do Rio Congo. A Expansão Bantu, durante o primeiro milênio AEC, espalhou-os por quase todo o centro-sul africano. Na Idade Média, diversos Estados Bantu mantiveram o predomínio político na região, como o Reino do Kongo e o Reino Ndongo, cujas fronteiras se situavam onde hoje está localizada a Angola.

Com o início do tráfico atlântico de pessoas, milhões de indivíduos Bantu do oeste africano foram levados e vendidos nas colônias na América para o trabalho escravo nas fazendas. Estima-se que, entre os anos de 1525 e 1851, mais de cinco milhões de africanos escravizados, em sua maioria provenientes da África Ocidental, tenham desembarcado no Brasil. Seu principal destino eram as fazendas no sudeste brasileiro, e sua presença deixou importantes marcas em nossa cultura.

Para melhor compreensão de suas origens e interpretação dos resultados, recomendamos a assessoria com nosso [historiador](#) parceiro.

Português do Brasil

“Moleque”, “cachaça”, “dengo” e “cochilo” estão entre as palavras de origem Bantu que figuram entre as mais pronunciadas na nossa língua - também chamadas de bantuismos. O que pouca gente sabe é que a influência que os idiomas africanos exercem sobre o português brasileiro vai muito além do vocabulário: mesmo nossa pronúncia, com muito mais ênfase nas vogais do que nas consoantes (ao contrário do português lusitano), bem como o ato de pronunciar as vogais de maneira mais aberta, são marcas linguísticas oriundas dos mais de quinhentos anos de intercâmbio cultural entre falantes europeus e africanos.

Futebol Baongo

Os falantes do idioma quicongo são conhecidos como Baongo, e abrangem uma gama de etnias muito presentes no norte de Angola e nos dois Congos. Como atitude de fortalecimento de sua identidade étnica, de maneira a superar fronteiras e segregações religiosas, eles costumam organizar campeonatos e torneios esportivos - especialmente de futebol - em que os times e torcidas são definidos por agrupamentos étnicos.

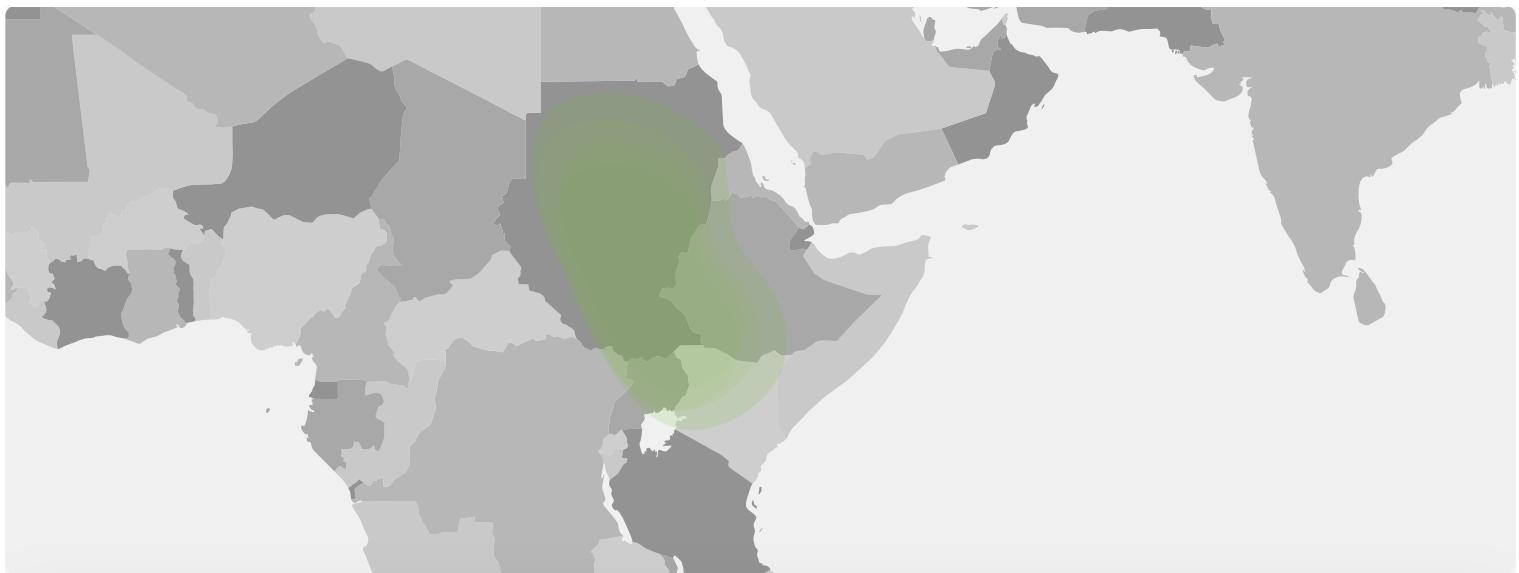
Referências e leituras adicionais:

CASTRO, Yeda Pessoa de. Das línguas africanas ao português brasileiro. Disponível em:

<http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=214>. Acesso em: 17 dez. 2019.

MARTIN, Phyllis. Leisure and Society in Colonial Brazzaville. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

VANSINA, J.. New Linguistic Evidence and 'The Bantu Expansion'. The Journal Of African History, v. 36, n. 2, p.173-195, 1995.



Nilotas - < 2%

História

Habitando atualmente partes do Sudão do Sul, Uganda, Quênia, Etiópia e Tanzânia, os Nilotas são um grupo étnico que inicialmente se instalou na região da bacia do Alto Nilo (daí o nome Nilotas) há alguns milhares de anos. Com o domínio da pecuária e da agricultura, expandiram-se para ocupar as áreas que habitam atualmente e entraram em contato com outros povos - principalmente os Bantu e os Cuxitas -, assimilando elementos culturais e genéticos.

A maior parte da população do Sudão do Sul é de povos nilotas. A guerra civil de quase 50 anos no Sudão (que culminou na independência do Sudão do Sul) criou uma das maiores diásporas do mundo, estimada em 4 milhões de pessoas. Boa parte refugiou-se nos países vizinhos, como Uganda e Etiópia, mas há comunidades significativas também nos Estados Unidos, Austrália e Reino Unido.

Para melhor compreensão de suas origens e interpretação dos resultados, recomendamos a assessoria com nosso [historiador](#) parceiro.

Mato oput

Entre os Acholi da Uganda, quando ocorre um assassinato (e após a deliberação do caso), o agressor pede perdão aos parentes da vítima e é decidida uma compensação em gado ou em dinheiro. Em seguida, é realizada uma cerimônia de conciliação, o mato oput, em que ambas as partes envolvidas bebem as raízes esmagadas da árvore oput, que representa a união. As raízes são muito amargas, e beber seu suco simboliza aceitar o amargor do caso, deixá-lo no passado e prometer nunca mais experimentá-lo.

Baixo colesterol

Os Maasai são um povo nilota que habita o território entre Quênia e Tanzânia, onde criam gado, ovelhas e bodes. Devido a essa atividade pastoralista, os Maasai consomem altas quantidades de carne, leite e sangue - mantendo, portanto, uma dieta rica em lactose e colesterol. Ainda assim, os Maasai não sofrem os efeitos negativos associados à ingestão de leite e, embora consumam cerca de 4 vezes mais colesterol em comparação a outros países não africanos, os níveis dessa substância em seu sangue são baixíssimos. Isso porque a exposição a tal dieta ao longo de tantas gerações levou à seleção de certas características genéticas que concedem tolerância à lactose e regulação dos níveis de colesterol.

Referências e leituras adicionais:

EL FASI, Mohammed (Ed.). História geral da África III: África do século VII ao XI. Brasília: Unesco, 2010.

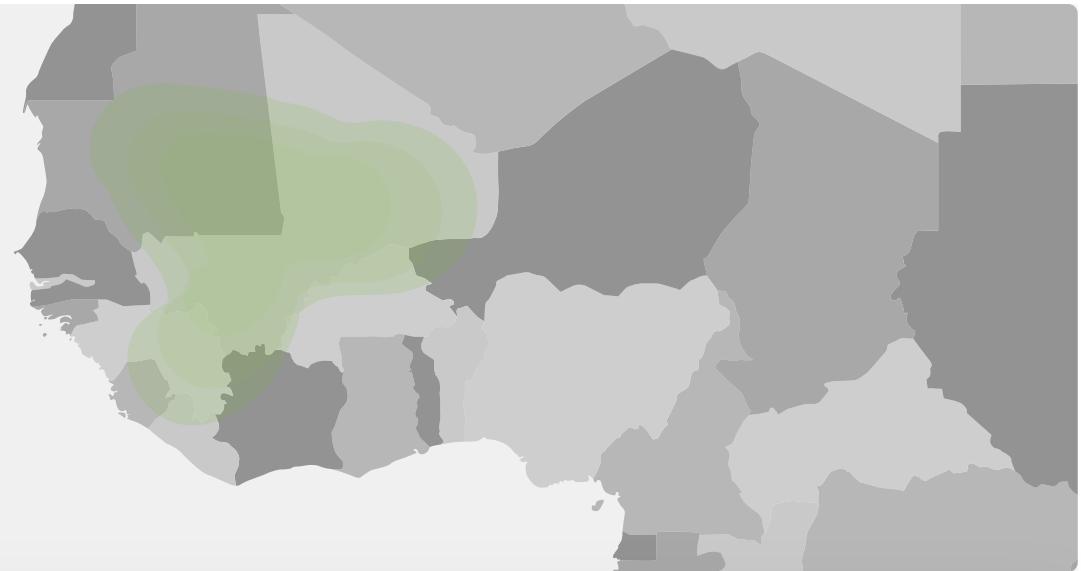
MARLOWE, Jay; HARRIS, Anne; LYONS, Tanya. South Sudanese Diaspora in Australia and New Zealand: Reconciling the Past with the Present. Newcastle Upon Tyne: Cambridge Scholar Publishing, 2013

MOKHTAR, Gamal (Ed.). História Geral da África II: África antiga. Brasília: Unesco, 2010.

MORRISON-MÉTOIS, Susanna. Responding to Refugee Crisis: Lessons from evaluations in South Sudan as a country of origin. Paris: OECD, 2017.

ROSE, Cecily; SSEKANDI, Francis M.. A procura da justiça transicional e os valores tradicionais africanos: um choque de civilizações - o caso de Uganda. Sur. Revista Internacional de Direitos Humanos, São Paulo, v. 4, n. 7, p.100-127, 2007.

WAGH, Kshitij et al. Lactase Persistence and Lipid Pathway Selection in the Maasai. Plos One, [s.l.], v. 7, n. 9, p.44751-44763, 28 set. 2012.



Mandê - < 2%

História

Mandê é o nome do grupo étnico-linguístico que habita a porção noroeste do continente africano, que hoje conhecemos como Mali, Mauritânia, Guiné, Guiné Bissau e Serra Leoa, bem como partes de Burkina-Faso, Libéria e Costa do Marfim. Os Mandês seriam descendentes dos antigos povos do Saara que migraram para oeste, tendo desenvolvido a agricultura independentemente há cerca de 5 mil anos. A cultura Mandê originou os Impérios de Gana e de Mali, dois dos maiores impérios africanos da história. O Islamismo chegou às terras Mandê por volta do século IX, sendo hoje a crença predominante na região.

Na segunda metade do século XVI, o território Mandê foi vítima de invasores vindos do leste do continente, que desestabilizaram a estrutura social vigente. Dois séculos depois, a região foi invadida e colonizada pelos franceses, que traçaram novas fronteiras e incentivaram conflitos étnicos entre os povos nativos. Durante o tráfico transatlântico de escravizados, pessoas da etnia Mandê estiveram entre as que vieram para algumas regiões do Brasil, especialmente para o Nordeste.

Para melhor compreensão de suas origens e interpretação dos resultados, recomendamos a assessoria com nosso [historiador](#) parceiro.

Mansa Musa

O sultão Musa I do Mali, também conhecido como Mansa Musa (sendo “mansa” o termo Mandê para sultão), era um fervoroso devoto do Islã. Em sua peregrinação a Meca, Musa levou consigo mais de 60 mil pessoas, além de 80 camelos e toneladas de ouro. Ao longo do trajeto, este ouro foi usado para demonstrar a caridade do sultão, que o distribuía entre os menos afortunados. Sua bondade, porém, teve um efeito colateral: a inflação causada pelo aumento da quantidade de ouro disponível na região desvalorizou o metal e devastou economias ao longo do trajeto. Para recuperar o valor costumeiro deste metal, Musa teve de comprar, com altas taxas de juros, todo o ouro que podia carregar em seu caminho de volta. Foi a única vez na história que um só homem exerceu tamanha influência sobre o valor do ouro.

N'goni

O N'goni é um instrumento musical de cordas muito popular entre os Mandês. Em geral, o corpo deste instrumento é constituído por uma cabaça revestida com pele de cabra. Acredita-se que o banjo moderno tenha evoluído a partir do n'goni, que teria sido introduzido na América do Norte por africanos escravizados da etnia Mandê.

Referências e leituras adicionais:

GOODWIN, A. J. H.. The Medieval Empire of Ghana. *The South African Archaeological Bulletin*, [s.l.], v. 12, n. 47, p.108-112, set. 1957.

THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Mande. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Mande>. Acesso em: 16 dez. 2019



Mbuti - < 2%

História

Os Mbuti são um povo pigmeu que habita a região da República Democrática do Congo, e são divididos em três principais subgrupos: Sua, Efé e Asua. Eles habitam a região há aproximadamente 20.000 anos e se tornaram especialistas em um estilo de vida nômade com base na caça e coleta de alimentos. Viveram pela maior parte de sua história isolados de outros povos, apenas relacionando-se com pequenas vilas Bantu e Sudanesas, das quais obtêm alimentos agrícolas em troca do produto de sua caça.

Os Mbuti passaram por pouca miscigenação ou contato externo além do escambio com as vilas vizinhas. Seus vastos conhecimentos sobre a região, no entanto, foram explorados por outros povos ao longo da história, como no caso da Rebelião Simba, quando ambas as partes envolvidas na guerra civil usaram os Mbuti para se guiar e sobreviver na mata. Mesmo atualmente, os Mbuti são explorados para atender a interesses comerciais de terceiros (como derrubada de árvores ou caça ilegal) em troca de pequenos prêmios.

Para melhor compreensão de suas origens e interpretação dos resultados, recomendamos a assessoria com nosso [historiador](#) parceiro.

Molimo

Os Mbuti são considerados os filhos da floresta, e suas crenças e estilo de vida são reflexo desse conceito. Para eles, a floresta é reverenciada como guia espiritual e protetora: se algo de ruim (como uma doença) acontece, é porque sua mãe, A Floresta, estava dormindo e não pôde ajudar. Para acordá-la, realizam o Molimo: uma cerimônia que pode se estender por um mês inteiro, em que alimentos e lenha são recolhidos de todas as famílias e ofertados durante a noite, ao som de cornetas de madeira e movimentados por danças.

Baixa estatura e a tireoide

Assim como os outros povos pigmeus, os Mbuti são conhecidos pela baixa estatura, atingindo em média 1,47 m. Várias hipóteses foram formuladas para explicar sua altura, incluindo limitação de nutrientes, termorregulação e favorecimento de mobilidade, entre outros. Um estudo de Harvard, no entanto, encontrou informações genéticas específicas, relacionadas ao uso de iodo pela tireoide, em vários povos pigmeus. No povo Mbuti, o gene TRIP4 provavelmente estaria envolvido com adaptações a uma dieta deficiente em iodo, o que possibilitou a sobrevivência dos pigmeus, mas acabou por reduzir seu crescimento vertical.

Referências e leituras adicionais:

BOWER, Bruce. Why Pygmies Are Small. Disponível em: <https://www.wired.com/2009/10/why-pygmies-are-small/>. Acesso em: 17 dez. 2019.

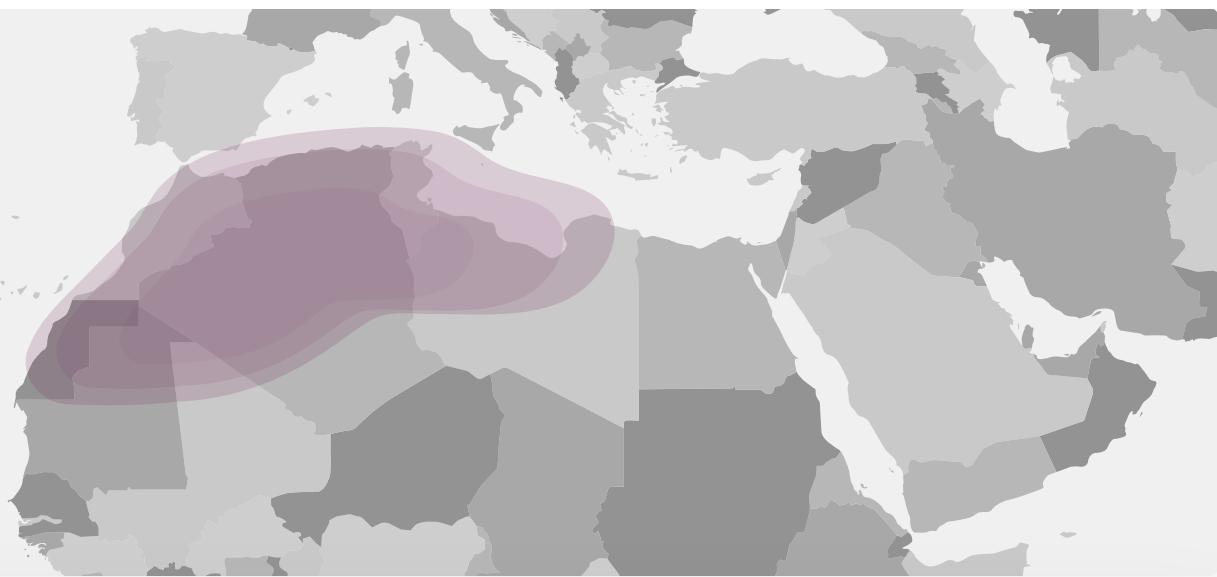
HART, John. THE MBUTI OF ZAIRE. Disponível em: <https://www.culturalsurvival.org/publications/cultural-survival-quarterly/mbuti-zaire>. Acesso em: 17 dez. 2019.

HERRÁEZ, David López et al. [Genetic Variation and Recent Positive Selection in Worldwide Human Populations: Evidence from Nearly 1 Million SNPs](#). Plos One, [s.l.], v. 4, n. 11, e7888, 18 nov. 2009.

JOHNSON, Elizabeth Ofosuah. Meet the forgotten African Pygmies who are living ancient lifestyles in the 21st century. Disponível em: <https://face2faceafrica.com/article/meet-the-forgotten-african-pygmy-who-are-living-ancient-lifestyles-in-the-21st-century>. Acesso em: 17 dez. 2019.

JOZUKA, Emiko. O homem que passou 30 anos na selva para preservar a música do povo Bayaka. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/d7da9z/homem-passou-30-anos-na-selva-para-preservar-a-musica-do-povo-bayaka>. Acesso em: 17 dez. 2019.

TURNBULL, Colin Macmillan. The Forest People: A Study of the Pygmies of the Congo. New York: Anchor Books, 1962.



Magrebe - 6%

História

O Magrebe, no noroeste da África, é uma região que faz parte do mundo árabe, incluindo os territórios do Marrocos, Tunísia, Argélia, parte de Mali, Líbia e Mauritânia, e o território disputado do Saara Ocidental. Existem registros de humanos na região desde 10.000 AEC (Antes da Era Comum). Durante sua história, o deserto do Saara funcionou como uma barreira física que impediu o contato com os territórios da África Subsaariana. Assim, maior contato da região foi com o Oriente Médio e a Europa, passando por invasões dos Fenícios em 1.000 AEC, expansão Islâmica no ano de 647 e colonização por França, Itália e Espanha, no século XIX.

Durante a expansão islâmica no século VII, houve uma massiva emigração de cristãos do Magrebe para a Itália, a fim de preservar suas crenças. É possível que boa parte dos descendentes destes imigrantes tenham chegado a terras brasileiras devido à “grande imigração” italiana para o Brasil entre 1870 e 1920. França, Bélgica e Países Baixos também possuem uma numerosa população de descendentes do Magrebe.

Para melhor compreensão de suas origens e interpretação dos resultados, recomendamos a assessoria com nosso [historiador](#) parceiro.

Cuscuz

A culinária da região é caracterizada pela mistura da culinária árabe com uma marca do mediterrâneo. O prato mais comum na região é o cuscuz, preparado com semolina cozida no vapor, acompanhada de legumes e carnes. Embora seja comum empregarmos no Brasil o termo “cuscuz-marroquino” para diferenciá-lo das variantes brasileiras, o prato é também muito consumido nos demais países do Magrebe, sendo tradicionalmente servido às sextas-feiras, depois das preces nas mesquitas.

Teatro de marionetes

Por muitos séculos, a Tunísia e outros países do Magrebe foram conhecidos por uma cultura popular de narrativas orais e teatro de marionetes na rua para contação de histórias. Os narradores, geralmente chamados de Rawi, eram muito respeitados, tanto pela elite, quanto pela classe popular, e ficavam conhecidos viajando a pé de cidade em cidade. A temática das histórias era muito diversa, variando desde a tradicional leitura do Corão, até histórias fantásticas e folclóricas que envolviam o público em sua elaboração, podendo passar também por histórias cotidianas e sagas épicas da história do país.

Referências e leituras adicionais:

FAYED, Saad. *The Maghreb: The Jewel of North Africa*. Disponível em: <https://www.thespruceeats.com/about-spain-and-its-cuisines-3083059>. Acesso em: 17 dez. 2019.

FOLARON, Deborah. *Oral Narrating and Performing Traditions in the History of Modern Middle Eastern and Maghrebian Theatre and Drama*. Disponível em: <http://arabworld.nitle.org/texts>. Acesso em: 15 out. 2019.

HEKKING, Morgan. *Friday Couscous: Morocco's Most Valued Tradition*. Disponível em:

<https://www.moroccoworldnews.com/2019/08/280556/friday-couscous-moroccos-most-valued-tradition>. Acesso em: 17 dez. 2019.

ILAHIANE, Hsain. *Historical Dictionary of the Berbers: Imazighen*. Lanham: Scarecrow Press, 2006.

INSOLL, Timothy. *The Archaeology of Islam in Sub-Saharan Africa*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MEER, Rafaëla van Der. *Hoe kwamen de Marokkaanse gastarbeiders naar Nederland?*. Disponível em:

<https://npokennis.nl/longread/7771/hoe-kwamen-de-marokkaanse-gastarbeiders-naar-nederland>. Acesso em: 16 dez. 2019.

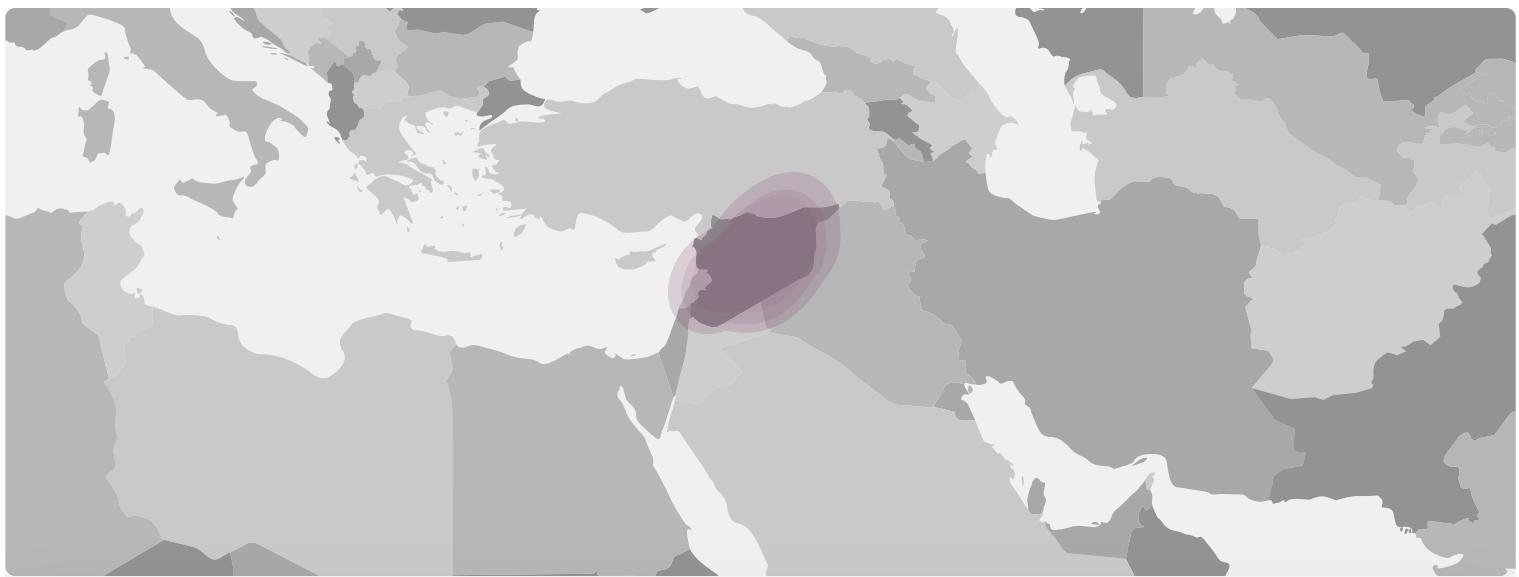
MORAY, Frédéric. *90 secondes pour comprendre pourquoi beaucoup de Marocains sont venus s'installer en Belgique dès 1964*. Disponível em:

<https://www.rtl.be/info/monde/international/90-secondes-pour-comprendre-pourquoi-beaucoup-de-marocains-sont-venus-s-installer-en-belgique-des-1964-798847.aspx>. Acesso em: 17 dez. 2019.

TRIBALAT, Michèle. *Une estimation des populations d'origine étrangère en France en 1999. Population*, [s.l.], v. 59, n. 1, p.49-80, 2004.

WOESTYNE, Francis van de. *Renvoyons au Maroc nos prisonniers et délinquants marocains*. Disponível em:

<https://www.lalibre.be/belgique/2009/12/18/renvoyons-au-maroc-nos-prisonniers-et-delinquants-marocains-IMYDZH6SU5CY7OWWX4E6IDPXCU/>. Acesso em: 17 dez. 2019.



Levante - 4%

História

Levante compreende uma parcela significativa do Oriente Médio, que contém os atuais Líbano, Israel, Síria e Jordânia, e uma fração da Turquia e do Iraque. Vestígios de ocupação humana na região remontam ao período neolítico, há cerca de 11 mil anos, com indícios de agricultura e pecuária datados de 9 mil anos atrás. Por estar situado na tríplice fronteira entre Europa, Ásia e África, este território possui uma riqueza cultural ímpar, dado o intenso tráfego de pessoas desde os primórdios da civilização humana.

A emigração desta região para o Brasil teve início no século XIX. Os primeiros migrantes teriam sido cristãos-árabes em fuga do regime turco-otomano, que impunha a fé islâmica. Outros conflitos posteriores, como as Guerras Civis no Líbano (durante os anos 70 e 80) e na Síria (desde 2015), também impulsionaram a vinda de refugiados para o Brasil, bem como seu deslocamento para outras partes do mundo. Hoje, de acordo com o Itamaraty, entre 7 e 10 milhões de descendentes de povos desta região vivem em território brasileiro.

Para melhor compreensão de suas origens e interpretação dos resultados, recomendamos a assessoria com nosso [historiador parceiro](#).

Petra

Entalhada diretamente nas montanhas há mais de 2 mil anos, a cidade de Petra, localizada na Jordânia, atuou como capital do Reino Nabateu, tendo sido um centro comercial movimentado. Entretanto, a anexação ao Império Romano, a priorização de rotas comerciais marítimas e, por fim, um terremoto no século IV que destruiu a maior parte das construções, levaram ao abandono e esquecimento da cidade. Apenas em 1812 Petra foi "redescoberta", ganhando popularidade turística até ser incluída, em 2007, na lista das Novas Sete Maravilhas do Mundo.

Alfabeto fenício

O alfabeto fenício era o sistema de escrita da antiga Civilização Fenícia, cujo centro se localizava no atual Líbano. Os fenícios eram grandes comerciantes, e a necessidade de manter registros de suas atividades mercantis abriu espaço para o desenvolvimento de sua língua escrita, que tinha como base um sistema consonantário (em que apenas as consoantes eram grafadas e as vogais eram deixadas implícitas). A expansão dos fenícios ao longo de toda a costa mediterrânea resultou na adoção de seu alfabeto por outros povos - como os gregos -, que depois derivaram seus próprios sistemas de escrita. Do alfabeto grego surgiu o alfabeto latino, que é o sistema de escrita mais difundido do mundo, sendo utilizado para grafar as línguas inglesa, portuguesa, italiana, alemã e vietnamita, dentre muitas outras.

Referências e leituras adicionais:

BAR-YOSEF, Ofer. The lower paleolithic of the Near East. Journal Of World Prehistory, [s.l.], v. 8, n. 3, p.211-265, set. 1994.

CASTRO, Cristina Maria de. The Construction of Muslim Identities in Contemporary Brazil. Lanham: Lexington Books, 2013.

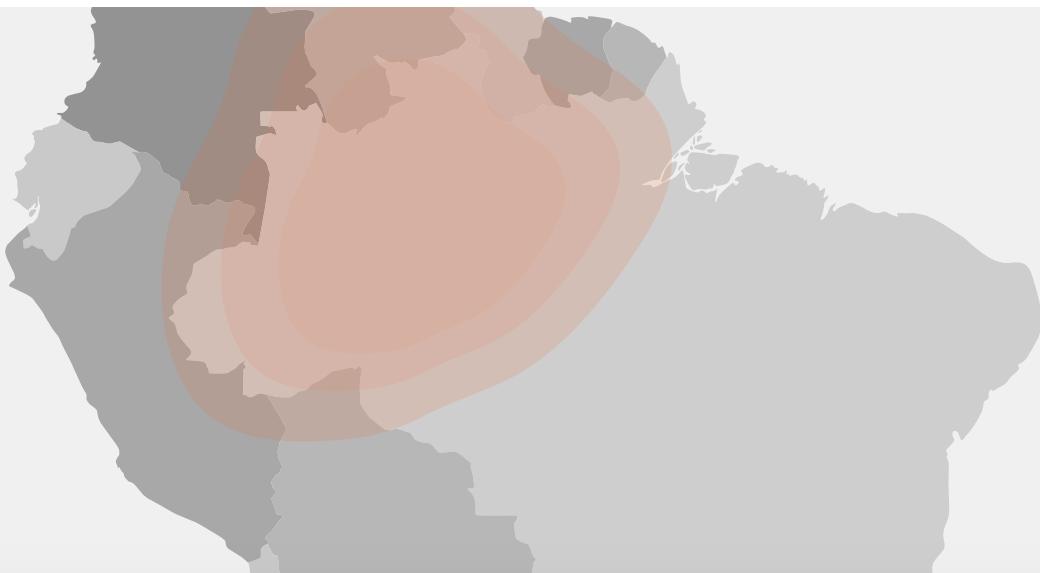
GIBSON, Dan. The Nabataeans: Builders of Petra. [s.l.]: Canbooks, 2004.

HUMPHREY, John William. Ancient Technology. Westport: Greenwood Press, 2006.

MILSTEIN, Mati. Petra. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.com/history/article/lost-city-petra>. Acesso em: 17 dez. 2019.

Petra Development And Tourism Region Authority. Petra: One of the 7 Wonders. Disponível em: <http://www.visitpetra.jo/#slide-1>. Acesso em: 17 dez. 2019.

THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Latin alphabet. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Latin-alphabet>. Acesso em: 17 dez. 2019.



Amazônia - 4%

História

A Amazônia se estende por Equador, Peru, Bolívia, Colômbia, Venezuela e a região Norte do Brasil, além de parte de Guiana e Suriname. Existem vestígios de presença humana na Amazônia datando de 11 mil anos atrás. Esta foi possivelmente uma das últimas regiões do mundo a ser povoada, pois há hipóteses de que a vida em florestas tropicais como a Amazônia só seria possível com acesso a alimentos cultivados, não bastando caça e coleta. Além disso, uma das possíveis rotas que explicam a chegada do homem à América do Sul envolve sair da África pelo Sinai, atravessar toda a Ásia até sua conexão com a América do Norte no Estreito de Bering, e daí seguir pelo continente americano no sentido sul. Ou seja, trata-se do ponto mais distante da África por vias terrestres, o que pode ter atrasado a ocupação.

O censo IBGE de 2010 revelou que mais de 810 mil pessoas se autodeclararam indígenas no Brasil, sendo que quase 40% se concentram na região Norte, em especial na zona rural do Estado do Amazonas. A etnia mais numerosa presente no território brasileiro atualmente, a Tikuna (autodenominada Magüta), estabelece-se justamente no Amazonas, com alguns habitantes também no Peru e Colômbia. Os primeiros contatos destes com os europeus teriam ocorrido no final do século XVII, com jesuítas espanhóis que levantaram assentamentos nas margens do rio Solimões.

Para melhor compreensão de suas origens e interpretação dos resultados, recomendamos a assessoria com nosso [historiador](#) parceiro.

Kene

Os Shipibo-Konibo, habitantes da Amazônia peruana, possuem uma técnica de desenho que busca envolver um objeto (como um item de vestuário, por exemplo) com redes de padrões geométricos que trazem a ideia de animação à peça. Para tal, são utilizadas linhas de diferentes espessuras que são ajustadas à forma tridimensional do objeto a ser decorado. A composição é caracterizada também por seu horror vacui ("horror do vazio"), ou seja, toda a peça deve ser trabalhada e detalhada, sem deixar espaços em branco.

Cupuaçu

Uma das frutas mais populares da Amazônia é o cupuaçu, que é utilizada em diversos itens das indústrias alimentícia e estética. Trata-se de um "parente" do cacau, que por vezes é utilizado para produção de chocolate – ou, especificamente, cupulate. O fruto já foi utilizado como base alimentícia para algumas populações nativas, e também como remédio contra dores abdominais. Anualmente, ao término da safra (entre abril e maio), ocorre a Festa do Cupuaçu na cidade de Presidente Figueiredo-AM, uma das maiores produtoras de cupuaçu do estado.

Referências e leituras adicionais:

BELAUNDE, Luisa Elvira. Arte indígena e Alta costura: Desenhos kene Shipibo-Konibo na moda peruana. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DO CONSUMO, 7., 2014, Rio de Janeiro. Anais.... . Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2014.

GONDIM, Tarcísio Marcos de Souza et al. Aspectos da Produção de Cupuaçu. Rio Branco: Embrapa, 2001.

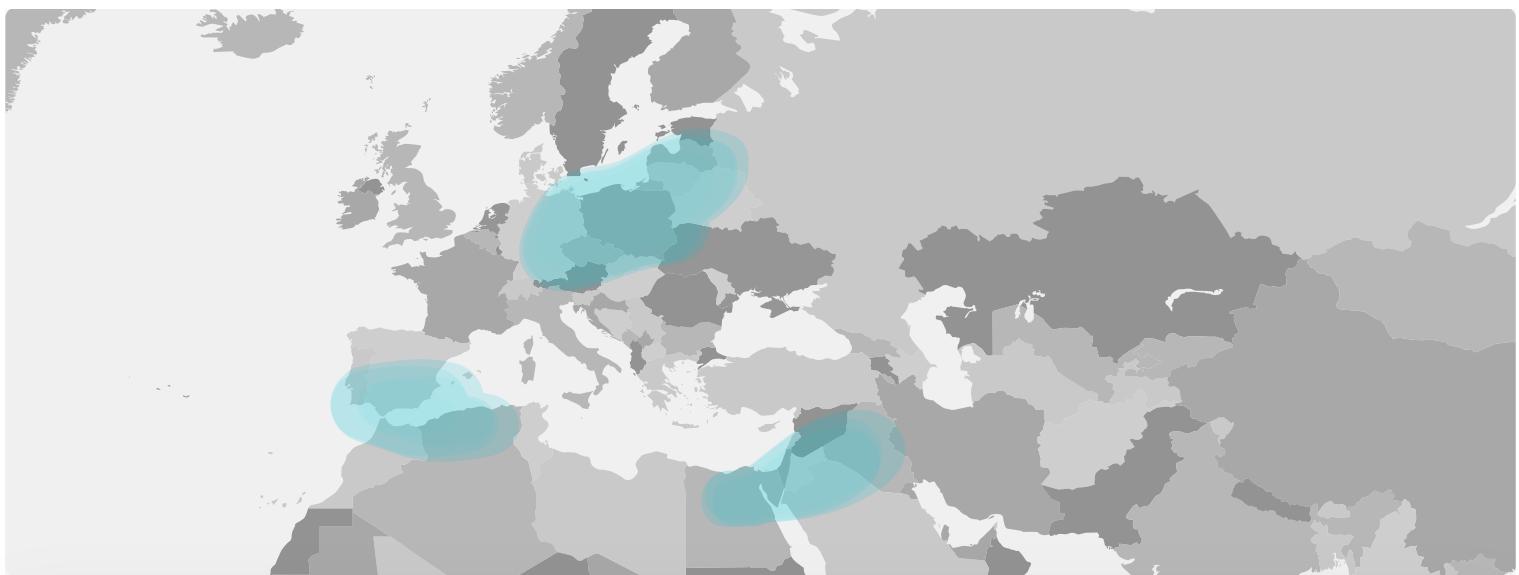
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Os indígenas no Censo Demográfico 2010: primeiras considerações com base no quesito cor ou raça. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

KIPNIS, Renato; CALDARELLI, Solange Bezerra; OLIVEIRA, Wesley Charles de. Contribuição para a cronologia da colonização amazônica e suas implicações teóricas. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, v. 18, p.81-93, 2005.

Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Cupuaçu. Brasília: Setec/MEC, 2007.

SOARES, Marília Facó. **Ticuna**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ticuna>. Acesso em: 17 dez. 2019.

TEIXEIRA, Wenceslau Geraldes et al. As Terras Pretas de Índio da Amazônia: Sua Caracterização e Uso deste Conhecimento na Criação de Novas Áreas. Manaus: Embrapa Amazônia Ocidental, 2009.



Judeus - < 2%

História

Os Judeus foram afetados por uma série de Diásporas desde o surgimento e estabelecimento da identidade judaica no Levante, há mais de 2 mil anos. Apesar disso, conseguiram conservar suas tradições e também sua genética: as populações judaicas da Europa, do Oriente Médio e do norte da África são mais parecidas entre si do que com seus vizinhos não judeus - embora algumas influências genéticas das populações locais também tenham ocorrido.

Desde a colonização pelos ibéricos, o Brasil tem sido destino de milhares de judeus. Após a 1ª Guerra Mundial, houve um aumento do fluxo migratório judaico da Europa Ocidental e do fragmentado Império Otomano para o território brasileiro, trazendo 60 mil judeus para Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro, principalmente. Mais tarde, no entanto, com a ascensão de Getúlio Vargas em 1930, a imigração semita cada vez mais intensa - em decorrência do crescimento do nazismo - passou a ser cerceada pelos nacionalistas.

Para melhor compreensão de suas origens e interpretação dos resultados, recomendamos a assessoria com nosso [historiador](#) parceiro.

Yiddish

O Yiddish, a língua dos judeus asquenaze, surgiu há cerca de mil anos, durante a estadia desse povo no território alemão. Baseada em uma combinação de hebraico, aramaico, alemão e eslavo, a língua também possui dialetos provenientes de influências do lituano, bielorrusso, polonês ou ucraniano. Em decorrência do holocausto, o número de falantes de Yiddish diminuiu drasticamente, de modo que previa-se a morte da língua no final do século XX. Isso só não ocorreu devido à expansão do hassidismo, movimento ortodoxo do judaísmo que utiliza o Yiddish rotineiramente.

["Mikraot Gedolot with jiddischem Text"](#) por [Chajm Guski](#) está sob a licença [CC BY-SA 4.0](#)

Yom Kippur

De todos os dias do calendário judaico, o Yom Kippur, ou "Dia do Perdão", é considerado o mais importante. Nele, os judeus se reconciliam com Deus, pedindo perdão pelos pecados cometidos especificamente contra Ele (a reconciliação entre pessoas deve ser feita antes do Yom Kippur). O ato de jejuar durante um dia inteiro, como é feito, deriva da prática antiga de oferecer ao altar o sangue e a gordura de sacrifícios. Como o corpo estaria consumindo as reservas de gordura durante o jejum, tal ato representaria uma oferenda indireta, como um sacrifício de si mesmo.

Referências e leituras adicionais:

- ARTSON, Rabbi Bradley Shavit; SAFMAN, Rachel Miriam. Walking with the Jewish Calendar. [s.i.]: Ziegler School Of Rabbinic Studies, 2010.
- ATZMON, Gil et al. [Abraham's Children in the Genome Era: Major Jewish Diaspora Populations Comprise Distinct Genetic Clusters with Shared Middle Eastern Ancestry](#). The American Journal Of Human Genetics, [s.l.], v. 86, n. 6, p.850-859, jun. 2010.
- GRINBERG, Keila. NOVA LÍNGUA INTERIOR: os judeus no Brasil. In: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Org.). Brasil: 500 anos de povoamento. [s.i.]. 2007. p. 123-140.
- KATZ, Dovid. Yiddish as a Diaspora Language and Its Future. In: EHRLICH, M. Avrum (Ed.). [Encyclopedia of the Jewish Diaspora: Origins, Experiences, and Culture](#). [s.i.]: Abc-clio, 2008. p. 193-197.
- OSTRER, Harry; SKORECKI, Karl. [The population genetics of the Jewish people](#). Human Genetics, [s.l.], v. 132, n. 2, p.119-127, 10 out. 2012.

